



CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA: O SUJEITO E AS SUAS ARTICULAÇÕES COM A LINGUAGEM

Márcio Heber Andrade Mendonça¹

RESUMO: Este trabalho trata-se de uma produção que decorre do ensino e da pesquisa bibliográfica em psicanálise a partir de um percurso na graduação em Psicologia pela PUC Minas. Perpassamos por um momento específico no ensino de Jacques Lacan e investigamos suas contribuições teóricas e práticas fornecidas à psicanálise ao apropriar-se da linguística estrutural para propor uma clínica pautada sob a perspectiva de um conceito capital: o de significante. Nesse sentido, por meio deste, buscamos esclarecer como se dá o trabalho clínico com o sujeito que se articula pelas cadeias semióticas e aponta para o inconsciente estruturado como uma linguagem com o qual o terapeuta deve saber pontuar. Ou seja, quais são algumas das particularidades clínicas que estão em foco quando Lacan retoma Freud e, em sua releitura, desenvolve parte de seu ensino sustentado pela primazia do campo simbólico e seus efeitos de linguagem sobre o sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Linguística; Estruturalismo; Significante; Clínica.

ABSTRACT: This article is a production that comes from education experiences and bibliographic research in psychoanalysis from a course in Psychology graduation from PUC Minas. We pass through a specific moment in the teaching of Jacques Lacan and investigate his theoretical and practical contributions to psychoanalysis by appropriating structural linguistics to propose a clinic based on the perspective of a capital concept: the signifier. Therefore, through this, we seek to clarify how the clinical work with the subject is articulated by the semiotic chains and points to the unconscious structured as a language with which the therapist must know how to point out. That is, what are some of the clinical particularities that are in focus when Lacan retakes Freud and, in his re-reading, develops part of his teaching sustained by the primacy of the symbolic field and its effects of language on the subject.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Linguistics; Structuralism; Signifier; Clinic.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo decorre de um percurso pelo ensino e pesquisa na graduação em psicologia da PUC Minas, mais especificamente, no âmbito da psicanálise de orientação lacaniana. Trata-se de percorrer pelas possíveis articulações entre a psicanálise e a linguística estrutural que Jacques Lacan apropria-se para desenvolver seu ensino.

Falamos sobre um momento específico na obra de Lacan, no qual podemos encontrar a tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Investigamos os efeitos dessa proposição teórica para a prática clínica com o sujeito e buscamos apreender como tal ensino colabora para o trabalho que demanda de nós, profissionais e estudantes de psicologia, uma escuta qualificada ao lidar com aquilo do singular trazido pelo cliente.

Alguns pontos são norteadores para o desenvolvimento deste trabalho, tais como: a relação do sujeito com a linguagem; as possíveis articulações deste sujeito com a cadeia significante; o campo do simbólico e os jogos semióticos; as contribuições que Lacan traz à psicaná-

¹ Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, *campus* Coração Eucarístico. marcio_heber@hotmail.com

lise ao apropriar-se da linguística estrutural para desenvolver seu trabalho pela perspectiva do significante.

Tomando o conhecimento e a clareza de conceitos teóricos como um dos pilares fundantes para a atuação na clínica com o sujeito, nota-se que a aporética crítica, como uma indagação que visa a compreensão de algum problema a partir de um certo ponto de vista, é essencial para a produção científica que oferece suporte ao praticante desta clínica.

Dessa maneira propomos as seguintes perguntas: Quais são os efeitos, na psicanálise e no trabalho clínico, da apropriação que Jacques Lacan faz da linguística estrutural para desenvolver seu ensino? Como se dá a relação do sujeito com a linguagem ao considerar a importância das articulações semióticas na prática clínica orientada pela psicanálise lacaniana?

Em nosso percurso de desenvolver reflexões que condizem com os questionamentos apresentados objetivamos, de maneira geral, por meio da pesquisa bibliográfica, produzir conhecimento científico a respeito das articulações linguísticas perpassadas pela teoria psicanalítica de abordagem lacaniana com viés estruturalista.

Pretende-se, assim: estabelecer um meio para a construção de saber claro e bem estruturado, principalmente aos estudantes que atuam no âmbito clínico que envolve o trabalho com o sujeito e com o campo da linguagem; estruturar ideias teóricas e operar com o que Lacan propõe à psicanálise ao abordar a linguística e o estruturalismo, precisando, assim, alguns conceitos caros à psicanálise como: inconsciente, sujeito, significante, real, simbólico, Outro.

2 APROPRIAÇÃO E SUBVERSÃO DA LINGUÍSTICA ESTRUTURAL

No início dos anos 50 a psicanálise sofria um desvio em relação aos fundamentos de Freud, em que, sua prática começara a se direcionar para uma adaptação do sujeito ao meio social, desconsiderando o próprio campo que funda sua prática: o da fala. A partir disso, Jacques Lacan propõe uma nova reflexão para trabalhar e conduzir a experiência psicanalítica principalmente pelos caminhos da linguagem. Lacan realiza, dessa maneira, um retorno a Freud por meio da apropriação de elementos linguísticos estruturais, como por exemplo, o significado e significante de Saussure, para propor que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Em relação a esta proposta de retorno a Freud, Françaia (2007) diz que Lacan, além de retomar a fala em sua importância ao trabalho psicanalítico, produziu uma transição das bases de característica biológica que sustentavam a teoria psicanalítica para bases linguísticas. Ou

seja, uma mudança de paradigma na psicanálise. Houveram transformações que França (2007) caracteriza como:

[...] passagem de um momento anterior designado como período imaginário a um novo contexto determinado pela implantação da linguagem no campo da psicanálise e designado pelo registro do simbólico; de uma concepção genética sobre o sujeito para um modelo estrutural composto por três elementos: simbólico, imaginário e real (FRANÇA, 2007, p. 87).

Para abordar a releitura e novas proposições que Lacan faz à descoberta freudiana, recorreremos inicialmente à passagem pela via do conceito de inconsciente. Nesse sentido, o inconsciente proposto por Lacan caracteriza-se por pulsações temporais situadas em rupturas, tropeços e fendas da cadeia significante que apontam para um saber, até então, desconhecido pelo próprio cliente. Saber este que se difere do discurso que já está organizado em certos significados e indicam para algo da verdade do desejo. É preciso, assim, se fazer ouvir por meio do dizer. É na própria ruptura da cadeia que o inconsciente irá advir; na falha em seus ditos que muitos analisantes não se dão conta e que o psicólogo/analista estará lá para pontuá-las. Dosse (1993) diz que Lacan realiza uma apropriação do inconsciente antropológico de Lévi-Strauss e, a partir disso, grandes modificações e diferenças em relação ao inconsciente freudiano estarão presentes. Este é um dos pontos que marcam a passagem do inconsciente como imaginário para o inconsciente estruturado como uma linguagem. Sobre essas dicotomias, Dosse (1993) afirma:

O inconsciente é definido por sua função de troca, é o termo mediador entre o eu e o outro e não o jardim secreto do sujeito. [...] Esse inconsciente puramente formal, lugar vazio, puro receptáculo, está bem longe do inconsciente freudiano, definido por um certo número de conteúdos privilegiados (DOSSE, 1993, p. 140).

Embora o olhar de Freud as vezes se deixasse fascinar pelo trabalho com o conceito de inconsciente imaginário, Lacan irá nos apontar que no próprio Freud observamos uma certa suposição de que o inconsciente se estrutura como linguagem. Podemos esclarecer com a seguinte citação retirada do Seminário 11, no qual Lacan aponta que:

O inconsciente de Freud não é de modo algum o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite. Sem dúvida que isto não deixa totalmente de ter relação com o lugar para onde se volta o olhar de Freud – mas o fato de Jung, relé dos termos inconsciente romântico, ter sido repudiado por Freud, nos indica bastante que a psicanálise introduz outra coisa (LACAN, 1964, p. 29).

Ainda em relação a releitura que Lacan faz sobre a descoberta freudiana do inconsciente, Bastos (2006) diz que trata-se de um saber que se faz presente como algo desconhecido.

Este saber se relaciona com certas conexões significantes que são enfatizadas durante a experiência analítica em que há transferência. A partir disso observa-se a importância, em certo momento da análise, que o sujeito suponha haver um saber no campo do Outro para que, assim, seja possível o analista apontar as produções inconscientes que o próprio sujeito realiza durante sua enunciação e articulações significantes.

Em relação ao campo do Outro e o momento de análise, Fink (1998) irá corroborar com a ideia de Bastos ao dizer que o analisante, no início do tratamento, coloca o analista em uma posição de grande Outro e direciona a ele suas demandas, como por exemplo de saber, ajuda, reconhecimento e aprovação. O autor aponta que Lacan resume todas essas demandas em uma demanda de amor. No entanto, o analista não deve se apoderar desse lugar de suposto saber que o analisante lhe coloca pois isso não teria nenhum efeito benéfico aos analisantes, além de propiciar uma dependência e mantê-los em uma relação de alienação. Nesse sentido, cabe ao analista “tomar o inconsciente do analisando como o representante do saber” (FINK, 1998, p. 114). É preciso, então, que o analista abandone o lugar de grande Outro para que o analisante se desprenda da demanda desse Outro e comece a desejar verdadeiramente. Dosse aponta o grande Outro como uma importante temática em Lacan que corresponde a uma “reflexão sobre a alteridade, sobre o que escapa à razão, sobre o lugar da falta, sobre a descentração do desejo, sobre sua errância” (DOSSE, 1993, p. 144). Nesse sentido, “a presença do inconsciente, por se situar no lugar do Outro, deve ser procurada, em todo discurso, na sua enunciação” (LACAN, 1998, p. 848).

A escuta do analista deve então se direcionar àquilo que está para além do que é dito, onde são apontados significantes que distinguem-se de significações previamente já pressupostas pelo próprio cliente. É nesse sentido que o autor traz o ponto de vista de Lacan sobre a prática da atenção flutuante, já que ela se relaciona com as oposições de enunciado e enunciação que atualizam a estrutura de divisão do sujeito. Sobre essa regra fundamental da atenção flutuante, Dor (1989/2008) nos diz de maneira clara como utilizamo-nos dela para lidar com o sujeito e os distintos significantes que se apresentam em seu dizer.

[...] na medida em que o inconsciente emerge no discurso do sujeito pelo processo de enunciação, a atenção flutuante aparece sobretudo ao nível do enunciado e de seu sujeito. A acuidade da escuta será, em contrapartida, dirigida ao registro do dizer. [...] trata-se sobretudo de estar receptivo aos significantes que advêm, através do dizer, para além dos significados que se organizam no dito. (DOR, 2008, p. 119-120).

Para esclarecer as dicotomias entre enunciado e enunciação, Bastos (2006) realiza uma breve analogia dizendo que são como um objeto fabricado e sua fabricação. Nesse sentido, a

enunciação como ato de discurso realizado por um sujeito falante, produz o enunciado como resultado desse ato. É possível observar que, dessa maneira, o sujeito do enunciado é localizado por meio dos pronomes pessoais situados no próprio enunciado, enquanto que o da enunciação é aquele que possui uma participação subjetiva no ato de proferir o discurso e que não necessariamente se localiza como sujeito do enunciado.

Sobre os efeitos da intervenção no nível da enunciação, Dor (2008) fala sobre aquilo que Lacan denomina de linguagem primeira, como linguagem do sujeito do desejo que está para além daquilo que ele diz de si. Assim, em relação à pontuação do analista e esse tipo de linguagem, o autor irá dizer:

A intervenção analítica tem, assim, o status de uma operação de linguagem que se produz sob a forma de um corte significante na ordem do dito, para liberar a “linguagem primeira” do desejo inconsciente que se articula no dizer. (DOR, 2008, p. 120).

Dosse (1993) descreve que, nesse inconsciente lacaniano que emerge no dizer, há certo parentesco com a função simbólica em relação a suas características de leis estruturais. Assim, podemos citar, nesse momento do ensino de Lacan, a predominância, autonomia e polaridade do campo simbólico devido às apropriações e modificações que o autor faz nas obras de Lévi-Strauss e Ferdinand de Saussure. Nesse sentido, Lacan apresenta uma álgebra significante onde há o domínio do significante sobre o significado e a precedência desse primeiro como necessária para determinar o segundo.

O autor prossegue dizendo que esse campo simbólico em que Lacan sustenta sua noção de inconsciente possui, neste momento, a característica de exterioridade ao sujeito e também função de troca. Podemos notar isso em uma cadeia simbólica que é aprisionada ao sujeito mesmo antes de seu nascimento e até após de sua morte, ou seja, na relação do sujeito com o grande Outro.

Sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem, Dosse (1993) diz que Lacan apresenta a cadeia significante como aquilo que rege a ordem do significado e, no trabalho de análise, é preciso que o analista “tome o paciente à letra e não insira o seu dizer em nenhuma hermenêutica” (DOSSE, 1993, p. 134). Sobre esse trabalho de análise, podemos acrescentar algo que Miller (1987) descreve a respeito da maneira com que o analisante apresenta o seu dizer, não necessitando de nenhuma concentração ou reflexão prévia ao ato de dizer, mas sim, associando livremente.

Enquanto nas experiências antigas – as que buscam o conhecimento, de meditação, um convite a entrar dentro de si mesmo, purificar-se, não encontramos nada disso na experiência analítica. Se ela promete a verdade acerca de seu desejo, é em um contexto que não implica qualquer desses aspectos de purificação, de concentração. Pelo contrário, é uma cerimônia, um ritual, porém fixo [...] ao invés de o sujeito ter que se concentrar previamente, deve, pelo contrário, entregar o material sem preparação alguma. (MILLER, 1987, p. 78).

Nota-se uma clara contraposição entre o método de associação livre utilizado na psicanálise e outras experiências que buscariam algo do sujeito por meio de meditações ou uma concentração em si mesmo. Observamos que a partir da associação livre do cliente, em que há uma fala sem restrições, o analista deve tomar a literalidade dessa fala por meio da atenção flutuante, já que, é nesse mesmo dizer onde se fará presente a cadeia significativa, qual sustenta o advir do inconsciente.

Podemos dizer então que durante a associação livre do cliente o analista irá notar as contradições e as hiências da cadeia significativa cuja a atenção flutuante é capturada se o analista estiver ao sabor das palavras do cliente. Dessa maneira, algo a respeito da verdade do desejo do cliente irá se apresentar para que o analista interprete e pontue, fazendo com que este algo seja percebido pelo próprio cliente. Vale notar que ao decorrer da análise muitas vezes o cliente torna-se capaz de questionar suas próprias aberturas inconscientes, como, por exemplo, em um ato falho.

Complementando sobre a associação livre e rememoração, Bastos (2006) aponta que o sujeito pode apresentar uma resistência observada como repetição em ato aquilo que não pode ser significado. Ou seja, há um limite para a rememoração que está para além da rede de significantes. Esse limite é o que podemos chamar de real. O autor diz:

O não representável do real acarreta a repetição, levando o sujeito a estar sempre retornando ao lugar do objeto perdido, de uma satisfação que está para sempre perdida. O sujeito está repetidamente voltando a esse lugar de ausência, numa tentativa de conseguir um encontro com a Coisa real, que fora para sempre perdida. (BASTOS, 2006, p. 61).

Bastos (2006) nos lembra que Lacan apropria-se de dois termos utilizados por Aristóteles para remeter-nos à questão da rememoração e seu limite, em que, é utilizado o termo Autômaton para dizer das cadeias significantes rememoradas e a Tiquê para o momento de encontro com o real onde o que não possui sentido aparece. O autor afirma que já no trabalho de Freud com as histéricas a repetição estava presente, e que, Lacan irá propô-la não como uma reprodução, mas sim, como algo da ordem do real.

Ferreira (2002) descreve que além da apropriação feita por Lacan em relação ao conceito de significante de Saussure, há também uma subversão em relação a este. A autora apresenta o conceito de signo e aponta que Saussure o propõe como produto da articulação entre significado e significante, havendo um aprisionamento deste primeiro em relação ao segundo. O que ocorre aí é uma união do conceito com a imagem acústica.

Para Lacan, não há tal relação entre significado e significante como fora apresentado por Saussure. O que Lacan propõe é uma separação entre significante e significado, em que, o significante não se encontra aprisionado nem submetido ao significado, mas, é ele mesmo que, a partir de articulações e efeitos retroativos, produz o significado.

Apesar das diferenças nos interesses e direções da psicanálise e linguística, Lacan utilizará desta última em sua vertente estruturalista para “estabelecer legitimidade e fecundidade de um novo conceito” (MILNER, 2010, p. 9). Nesse sentido, quando Lacan propõe que a linguagem é a condição do inconsciente e apenas o ser falante é passível de inconsciente, o conceito de significante é apresentado para designar as propriedades da linguagem. Esse significante proposto por Lacan provém de Saussure com diversas modificações e Milner (2010, v. 3, p. 10) dirá que “são abandonados o horizonte do signo e, ao mesmo tempo, a oposição ativo/passivo que modelava o casal significante/significado”.

Milner (2010) aponta que, para compreender a relação da língua com a psicanálise, é interessante pensar nas obras literárias ou de arte. De acordo com o autor, Freud e Lacan concordam que o psicanalista não deve interpretar, por exemplo, Shakespeare, e sim aceitar que Shakespeare interpreta. É nesse sentido que a atitude do analista “consiste somente em ouvir e a fazer ouvir essa interpretação” (MILNER, 2010, p. 5) que o próprio analisante realiza, já que, também pode acontecer da língua em si mesma interpretar o sujeito falante. Para Milner (2010), essa interpretação é a que usualmente se desdobra no detalhe, na emergência do sujeito. O autor descreve que a temporalidade dessa emergência é o instante e sua espacialidade é o ponto. Diz, ainda, que se a obra de arte ou a língua interpretam, é “por algum detalhe isolável e particular” (MILNER, 2010, p. 5).

Miller (1987) nos diz que para abordar a vasta questão proposta por Lacan, a de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, poderíamos começar de diversas maneiras, como pelo ponto de vista gramático, filosófico ou linguista. Mais adiante o autor aponta algumas questões linguísticas trabalhadas por Lacan e diz que, para ele, o significante não está a serviço do significado e estes dois elementos não são paralelos. Ou seja, um significado não se atrela de forma colateral a um significante, mas sim, é efeito da substituição de um (S1) por outro (S2). Essa substituição de significantes possui como efeito o surgimento de

sentido por retroação. De acordo com Miller (1987, p. 31), é nesse sentido que Lacan pôde dizer “que os efeitos de significado são criados pelas permutações, os jogos do significante”.

Ainda em relação ao sentido Miller descreve que, em meio às nossas arguições, algo da ordem linguística pode vacilar e apontar para o sem-sentido. Esse sem sentido criado pelo próprio sujeito, por exemplo em um lapso, que não é objetivo nem intencional, “é no entanto especialmente evocador e criador de significações, para além dos sentidos admitidos” (MILLER, 1987, p. 29). Nessa mesma direção Miller (1987) aponta que o descobrimento de Freud acrescentou sentido aos fenômenos que não possuíam nenhum sentido. Em relação às contribuições de Freud, Miller aponta:

Pensou que o que mais dizia, o que mais sentido tinha para o sujeito, eram precisamente os momentos em que seu discurso podia desfalecer, desfazer-se, cair, e onde algo podia ser um erro, uma falta, um esquecimento; restabeleceu a positividade desse negativo. (MILLER, p. 35, 1987).

Em meio a essas articulações significantes e criações de sentido, Miller inclui, na discussão, o Outro da linguagem como aquele que pode ensinar a nós mesmos sobre o que dizemos. Ou seja, o Outro como lugar de tesouro dos significantes e receptor da mensagem que enviamos é que nos conduzirá de volta ao sentido daquilo que dizemos e nos permite aprender quem somos. Como ocorre no exemplo dado anteriormente, o analista emite de volta um outro sentido daquilo que foi dito pelo cliente e permite-lhe entrar em contato com algo da verdade de seu desejo. Miller aponta que:

Falar ao outro não implica, de modo algum, saber o que se diz. Somente o Outro é quem pode ensiná-lo a nós, e por isso falamos uns aos outros. [...] E quando o blá-blá-blá cotidiano não chega, vamos procurar um psicanalista que, mesmo quando fica calado, nos presenteia a esperança de aprendermos quem somos. (MILLER, 1987, p. 30-31).

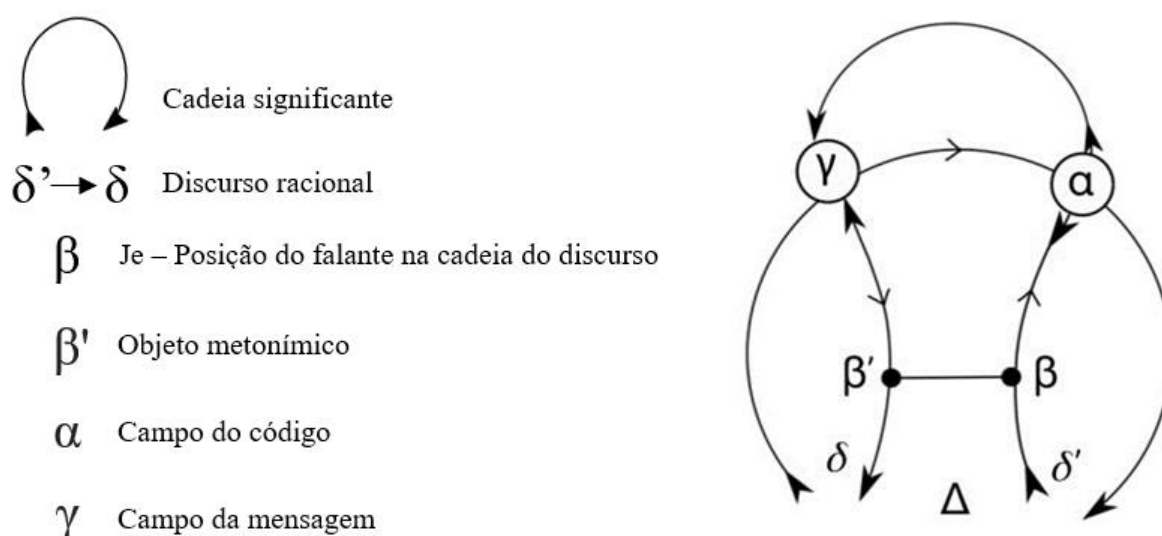
Ainda em relação ao Outro, Fink (1998) aponta que Lacan o considera como o campo em que se encontram todas as palavras e expressões de uma língua. Assim, o Outro como linguagem pode ser observado como aquilo que já está pré-estabelecido antes mesmo de uma criança nascer, quando ela já é falada pelos pais antecipadamente à sua chegada ao mundo, e que, quando nasce, é incluída em uma história que já estava sendo contada. Além disso, é esse Outro que permite com que o sujeito comunique e deseje, a partir da entrada na linguagem que é caracterizada como uma alienação, isto é, a instituição da ordem simbólica que nos prende em suas exigências de articulações gramaticais. Fink assinala que:

O Outro parece então esgueirar-se pela porta dos fundos enquanto as crianças aprendem uma língua que é virtualmente indispensável para sua sobrevivência no mundo como conhecemos. Embora considerada, em geral, inócua e puramente utilitária por natureza, a linguagem traz com ela uma forma fundamental de alienação que é um aspecto essencial da aprendizagem da língua materna do indivíduo. (FINK, 1998, p. 23).

Sobre a utilização da língua, para Miller (1987) “o sujeito que fala não é amo e senhor do que diz”. O autor descreve que quando o sujeito fala e pensa estar utilizando a língua, na verdade é a língua que o utiliza pois sempre há algo a mais ou quer dizer outra coisa além do que se diz naquele dizer.

Para Milner (2010), Lacan se ampara em informações apresentadas pela ciência da linguagem e nas formas modernas em que ela se apresenta. No entanto, “é preciso assinalar a impossibilidade radical em que a ciência linguística se encontra de responder inteiramente às necessidades da psicanálise” (MILNER, 2010, p. 7). Percebe-se, assim, que a psicanálise se dirige aos jogos da linguagem, como por exemplo, chistes e lapsos, que marcam a emergência de um sujeito. Dessa maneira, a linguagem não pode ser integralmente perceptível como propõe a linguística em seu ponto de vista empírico.

Ao tratarmos da linguística estrutural, pode-se dizer que ela oferece a Lacan a oportunidade de desenvolver seu trabalho pela perspectiva do significante. Podemos, também, buscar no primeiro capítulo do Seminário 5 um esquema que apresenta as possíveis direções e articulações do discurso que se situa no plano do significante. O autor apresenta um grafo composto por duas linhas que se entrecruzam, sendo que uma é a cadeia significante e a outra o discurso racional.



Fonte: Lacan, 1957-58/1999, p. 18.

Lacan discorre sobre esse campo do significante pois, de acordo com o autor, não há como o sujeito apresentar uma mensagem sem que seja considerada a complexidade das articulações da fala e sua relação com a cadeia significante.

A cadeia significante é representada no esquema como a linha que possui sua base na esquerda e segue com sua flecha em direção à direita, cortando primeiramente γ e em seguida em α . Lacan irá dizer que é nesta cadeia que há a possibilidade de se realizar articulações linguísticas e operações significantes. O autor aponta que nessa linha, da cadeia significante, o analista irá realizar seu trabalho, pois, é aí onde se encontram as possibilidades de decomposição, reinterpretação, ressonância e de efeitos metafóricos e metonímicos. Ainda em relação a essa cadeia, Lacan acrescenta que perpassam por ela os elementos sonoros que organizam e distinguem os possíveis jogos significantes, que fundam, por exemplo, neologismos, trocadilhos ou mesmo atos falhos, com os quais o analista “joga”. O autor esclarece:

A primeira linha representa a cadeia significante na medida em que permanece inteiramente permeável aos efeitos propriamente significantes da metáfora e da metonímia, o que implica a atualização possível dos efeitos significantes em todos os níveis, inclusive no nível fonemático, em particular. O elemento fonológico é, com efeito, aquilo que funda o trocadilho, o jogo de palavras etc. Em suma, está no significante aquilo com que nós, analistas, temos que jogar incessantemente. (LACAN, 1957-58, p. 18-19).

Já sobre a segunda linha, que parte de δ' em direção à δ , o autor aponta:

A outra linha é o discurso racional, no qual já está integrado um certo número de pontos de referência, de coisas fixas. [...] Ela é, portanto, a linha do discurso corrente, comum, tal como este é admitido no código do discurso que chamarei de discurso da realidade que nos é comum. [...] Como vocês podem ver, portanto, esta linha é o discurso concreto do sujeito individual, daquele que fala e se faz ouvir, é o discurso que se pode gravar num disco [...]. (LACAN, 1957-58, p. 19).

No esquema, podemos observar que há um curto-circuito na cadeia do discurso racional, em que, β direciona-se à β' . No lugar de β temos o Je, que é a posição do falante na cadeia do discurso. Já em β' , temos o objeto metonímico, que é sempre outra coisa e nunca está verdadeiramente ali. Este circuito representa o que temos como discurso vazio do sujeito, já que não chega a atravessar a cadeia significante. É o que Lacan chama de “ronronar da repetição” e “moinho de palavras”. É o discurso caracterizado como o “blá blá blá” em uma análise e que não apresenta nenhuma verdade sobre o sujeito do desejo. De acordo com o autor:

O discurso não diz absolutamente nada, a não ser assinalar-lhes que sou um animal falante. Esse é o discurso comum, feito de palavras para não dizer nada, graças ao

qual nos certificamos de não estar simplesmente lidando, frente a frente, com o que o homem é em estado natural, ou seja, um animal feroz. (LACAN, 1957-58, p. 21).

Há, ainda, outro direcionamento possível do discurso que não ao objeto metonímico. Lacan vai nos apresentar, então, o primeiro ponto em que as duas linhas se cruzam e denominará este ponto de código (α), situado no campo do grande Outro (A) como companheiro de linguagem. Em seguida, Lacan irá dizer sobre o outro ponto de entrecruzamento das linhas, sendo que este é o lugar de encontro onde o sentido é constituído por meio do código, o lugar da mensagem (γ). O autor diz que essa mensagem só se dá devido a linha de retorno que sai do código e cria sentido. Essa constituição de sentido se produz no nível significante, sendo que o sentido é sempre metafórico e resultante da substituição de um significante por outro na cadeia significante. Como foi dito anteriormente, é por meio dos hiatos da frase; por meio das substituições significantes, nos jogos com a palavras e nas modificações de sentido que o analista irá realizar suas pontuações e interpretações, assinalando ao cliente, a existência de um sujeito do inconsciente.

Podemos notar como se fazem complexas e extensas as possibilidades de articulação no campo do significante, mesmo nesse breve esquema apresentado por Lacan em um único capítulo de seu seminário. É assim que ele desenvolverá grande parte de seu percurso ao adotar a linguística estrutural para realizar o retorno a Freud pelo viés da perspectiva do significante.

Trata-se, então, de compreendermos o que a psicanálise de abordagem lacaniana nos oferece em suas produções para que possamos estender a precisão na atuação clínica em suas diversas particularidades e demandas, não deixando de lado a consistência e a clareza teórica que sustentam a nossa prática profissional no lidar com o sujeito. Afinal, o próprio Lacan já dizia que os analistas devem conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Assim sendo, prosseguimos com alguns questionamentos em relação ao sujeito.

3 O SUJEITO E O IMPOSSÍVEL DA LINGUAGEM

Proponho, agora, discorrer sobre algumas ideias a respeito do sujeito na psicanálise de abordagem lacaniana e algumas particularidades que envolvem o atendimento clínico. Nesse sentido, França (2007) aponta que o trabalho do psicanalista trata-se de pontuar a fala vazia do analisante para que seja dado um sentido ao discurso. No entanto, a autora ressalta que esse sentido deve ser encontrado e apropriado pelo próprio sujeito, ao invés de ser “injetado” pelo analista. A partir do trabalho com a fala do cliente, o analista poderá conduzi-lo a reco-

hecer sua própria condição de sujeito desejante. Isso permite dizer da característica comunicacional e o que se objetiva quando o analista interrompe a sessão durante o discurso do analisante, mantém-se em silêncio ou realiza uma interpretação.

Ferreira (2002) retoma a noção de sujeito e diz que, para Lacan, ela está baseada em um falta-a-ser e difere da proposta apresentada pela linguística. A autora aponta que o sujeito é representado por um significante para outro significante. Nesse sentido, compreende-se o sujeito em um lugar de intervalo entre um significante mestre que o marca em sua singularidade e outros significantes que possuem a função de representar o sujeito em relação a outros significantes. É a partir disso que Ferreira (2002) descreve a possibilidade de o sujeito utilizar e articular as leis da linguagem apenas por meio de sua inscrição na ordem do significante. É isso que permite a produção de significações, em que, algumas delas escapam da intenção do dizer e apontam, nos tropeços da fala, para o sujeito do inconsciente. A autora descreve:

É essa posição intervalar do sujeito que produz os lapsos e os atos falhos no discurso. São efeitos do inconsciente estruturado como linguagem o que se diz sem querer dizer. Isto não é outra coisa senão a produção de um saber que não se sabe. [...] É porque há linguagem que o inconsciente e a língua existem. E, por causa disso, o falante pode se servir da língua para significar o que, do ponto de vista da própria língua, não faz sentido. (FERREIRA, 2002, p. 125).

Bastos (2006) também discorre sobre o sujeito e sua relação com a rede de significantes, em que, o sujeito dividido e desejante está emaranhado a esta rede. Esse sujeito barrado, desejante do objeto perdido em sua castração, aparece por meio da linguagem, em articulações significantes. Nessas articulações, os conceitos de enunciado e enunciação se distinguem e permitem localizar o sujeito do inconsciente. De acordo com o autor, podemos localizar o sujeito no nível da enunciação e não do enunciado:

Esse sujeito advém pela linguagem, pelo ato da articulação significante. Ele advém pela enunciação, mas tão logo ele advenha pela linguagem, ele nela se perde pela verdade de seu próprio ser. Pois ali ele está apenas no terreno da representação. A sua verdade advém pela articulação da linguagem que é o intermédio da enunciação. (BASTOS, 2006, p. 63).

Fink (1998), para dizer do que Lacan considera como sujeito, apresenta, primeiramente, o que esse sujeito não é. Nesse sentido, o autor diz que não se trata de um sujeito pensante e consciente como proposto por grande parte da filosofia analítica que pesquisa a linguagem e o sentido dos enunciados. Fink (1998) concorda com Bastos ao dizer que o sujeito lacaniano não é o sujeito do enunciado, e acrescenta que, Lacan procurou realizar uma definição precisa do sujeito analisando trabalhos de gramáticos e linguistas. O sujeito proposto por Lacan é

então significado pelo *ne* expletivo que é utilizado na língua francesa como uma expressão de negação, utilizando-se isoladamente. Mas, em certas expressões, ele pode servir como uma reafirmação daquilo que se foi dito. No entanto, tal expressão pode gerar uma certa ambiguidade em alguns casos, já que o sujeito realiza uma afirmação sobre algo que deseja, mas utiliza, ao mesmo tempo, uma negação em tal discurso. Isso aponta para um falante dividido, que não está totalmente de acordo com o que fala e que “diz sim e não ao mesmo tempo, que enquanto diz uma coisa, insinua outra” (FINK, 1998, p. 61). Fink (1998) retoma de Lacan alguns exemplos de frases com o *ne*, como *Je craindre qu’il ne vienne* (eu temo que ele venha), e em seguida comenta:

[...] ele parece introduzir uma certa hesitação, ambiguidade, ou incerteza na declaração em que aparece, como que sugerindo que o falante está negando a própria coisa que afirma, temendo a coisa em si que afirma desejar, ou desejando a própria coisa que parece temer. Em tais casos, temos a impressão que o falante tanto deseja como não deseja que o evento em questão aconteça ou que a pessoa em questão apareça. (FINK, 1998, p. 59-60).

Sobre o inconsciente, Bastos (2006) diz que este conceito, como exposto por Lacan, possui a característica de se apresentar em um instante e desaparecer rapidamente em seguida. O autor aponta que, durante o trabalho de análise, um sujeito é evocado e constituído no campo do inconsciente, e que, isso se dá por meio da rememoração estruturada em significantes. Nesse sentido, o sujeito evocado, durante a associação livre, estará presente nas falhas e tropeços daquilo que está sendo falado.

Fink (1998) irá complementar Bastos ao trazer alguns aspectos da linguagem que se relacionam com o sujeito do inconsciente. O autor diz que podemos observar dois tipos de fala: uma fala comum e consciente; e um outro tipo de fala. Nesse sentido, o autor aponta como esse “outro tipo de fala”, as palavras ditas sem intenção, que escapam e se apresentam de forma involuntária. São as palavras que “surgem de algum outro lugar, de alguma outra instância que não o eu” (FINK, 1998, p. 20). A partir disso, Fink (1998) diz que Lacan considerava o inconsciente como discurso do Outro. O autor pontua que as pessoas costumam deixar de lado os lapsos e intrusões que esse outro tipo de fala realiza no discurso consciente do eu, considerando-os apenas erros sem sentido ou importância. No entanto, é com isso que o analista irá trabalhar, procurando a lógica que rege tais interrupções.

Françóia (2007) complementa a sua colocação dizendo que não se pode tomar a fala do sujeito como integral e consciente deixando escapar as brechas que levam o sujeito a

reconhecer seus próprios mecanismos, seu inconsciente e seu desejo. Para isso, é preciso fazer com que o sujeito lide com suas contradições e escute aquilo que ele próprio diz.

Ainda sobre o trabalho do sujeito em terapia e sua relação com o campo simbólico, França (2007) descreve que o que importa mais é a reatualização que este sujeito faz de seu próprio passado por meio do discurso situado no campo da palavra, ao invés de uma rememoração fiel e efetiva dos acontecimentos passados. Ou seja, é precioso o modo como o cliente conta sobre seu vivido, independente do conteúdo real ou imaginário, e como o sujeito aparece nesse discurso.

A autora ainda aponta que o reconhecimento da subjetividade do cliente ocorre por meio do discurso simbólico e que isso “pressupõe o encontro com a origem do ser do sujeito desejante e a relação deste com a constituição de objeto” (FRANÇA, 2007, p. 96). Nesse sentido, é o campo do simbólico que permite e cria uma relação entre o ser humano e as coisas do mundo.

Quando o sujeito nasce, ele é inserido imediatamente num mundo simbólico, num mundo de cultura que é estabelecido pela ordem simbólica. A função do símbolo é ordenar o modo de funcionamento de uma cultura e influenciar o comportamento do indivíduo organizando suas relações como, por exemplo, a proibição do incesto que gera as regras de casamento e os sistemas de parentesco. (FRANÇA, 2007, p. 94).

Em relação ao trabalho com a fala do cliente e seu inconsciente, Lins e Rudge (2012) apontam para o conceito de transferência como um aspecto importante para o desenvolvimento da análise. De acordo com as autoras, Freud em sua clínica é advertido sobre o sujeito poder atuar aquilo que foi recalcado quando se chega no limite da rememoração. Temos, assim, a transferência como uma substituição daquilo que não pode ser dito, ou seja, ao invés de lembrar-se das coisas o sujeito repete em atos. Em seguida as autoras descrevem que “Lacan corrobora a ideia de Freud, ao afirmar que a transferência coloca em ato o inconsciente, mas que ela só faz pelo viés de seu fechamento” (LINS; RUDGE, 2012, p. 15). As autoras concordam com Bastos e Fink ao descreverem que Lacan formula sua ideia de inconsciente em uma perspectiva de abertura e fechamento, em que, o sujeito do inconsciente aparece como um tropeço na cadeia significante e a partir do momento que são dados significados para esses tropeços o inconsciente se fecha. Desse modo, o sujeito do inconsciente não pode ser apreendido e está sempre além de nosso alcance. “Ora, esse achado, uma vez que ele se apresenta, é um reachado, e mais ainda, sempre estará prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda” (LACAN apud LINS; RUDGE, 2012, p. 15). Em relação à transferência, as autoras comentam:

A transferência, sendo um instrumento que permite a atualização do inconsciente, oscila entre uma abertura para o material inconsciente, através da rememoração, e um fechamento para tal material, quando o analisando repete, sem saber o que faz, a favor do movimento de resistência. (LINS; RUDGE, 2012, p. 14).

Complementando sobre as particularidades do sujeito e sua constituição, Ferreira (2002) irá comentar sobre a castração ao dizer que há uma metáfora inaugural relacionada ao Nome-do-Pai, sintoma, sujeito barrado e desejo. Dessa maneira, o Nome-do-Pai pode ser considerado o agente da operação metafórica que irá, ao transmitir-se à criança por meio do desejo da mãe, representar a cadeia significante como lei. A partir disso, há a constituição do desejo, por meio da constatação de uma falta no campo do Outro, que se manifestará como metonímia, ou seja, sempre se deslocando em direção a alguma outra coisa. Há, ainda, o objeto *a* que cai como um resto dessa operação metafórica que dá origem ao sujeito e se apresenta em duas vertentes, sendo elas, como causa de desejo ou mais-gozar.

Para entendermos melhor sobre o objeto *a* e algumas de suas particularidades, podemos recorrer a Fink (1998) quando o autor considera que o desejo não possui um objeto específico e que ele é, em sua essência, uma busca contínua por algo que é sempre outra coisa. Não há um objeto que possa satisfazer o sujeito totalmente. Nesse sentido, o único objeto relacionado ao desejo é o objeto causa de desejo, ou seja, objeto *a*. Fink (1998) concorda com Lins e Rudge ao dizer que este é o objeto que evoca o desejo do sujeito e também, com Motta, ao acrescentar que o objeto *a* pertence ao registro do real, pois não é especularizável e resiste tanto à imaginarização quanto à simbolização. O objeto *a*, além de causa de desejo, também pode ser relacionado ao gozo do sujeito, uma vez que se presentifica em repetições que envolvem “as mais importantes experiências do sujeito de prazer e dor, excitação e decepção, emoção e horror” (FINK, 1998, p. 118). Em relação ao objeto *a* em sua vertente mais-degozar e registro do real, o autor esclarece:

O real é em essência aquilo que resiste à simbolização e, portanto, resiste à dialetização característica da ordem simbólica, na qual uma coisa pode ser substituída por outra. Nem tudo é substituível; algumas coisas não são intercambiáveis pela simples razão de que elas não podem ser “significantizadas”. Elas não podem ser encontradas em outro lugar, uma vez que tem estatuto de Coisa, exigindo que o sujeito volte a elas repetidas vezes. (FINK, 1998, p. 118).

Em relação ao real qual o sujeito se depara na passagem ao ato, Ferreira (2002) o descreve como aquilo que se apresenta na ordem do impossível de ser simbolizado. Relaciona-se com o que resta da operação metafórica constituinte do sujeito em sua entrada na linguagem

e, por isso, pode ser articulado com o desejo quando se trata do que não é simbolizável, ou seja, com a falta que sustenta o desejo.

No real, há uma completa falta de sentido e impossibilidade de articulações significantes que criam sentido. Fink (1998) aponta que o significado pode ser considerado o que frequentemente chamamos de pensamentos ou ideias decorrentes de combinações específicas de significantes. O sentido de algo dito pode ser compreendido quando esse dito é localizado em um contexto de outras afirmações, ou seja, de outros ditos. Para o autor, “compreender significa localizar ou encaixar uma configuração de significantes dentro de outra” (FINK, 1998, p. 95). Quando o sujeito se depara com o real, as tramas da cadeia significativa não conseguem mais sustentá-lo. Ou seja, não é possível mais articular os sentidos que compõe a própria vida. Esse trabalho com o real que o sujeito se depara já nos aponta para onde Lacan irá direcionar as ultimíssimas produções de seu ensino. No entanto, colocamos nosso ponto de capitonê desse artigo nas linhas compostas de articulações significantes com as quais Lacan utiliza-se para desenvolver o momento inicial de sua obra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As articulações com o saber da psicanálise se estendem de maneira indeterminada, da mesma maneira que Lacan nos diz dos desdobramentos possíveis de uma cadeia significativa. Percorremos aqui por um recorte dessas possibilidades que incluiu a relação da psicanálise com o estruturalismo linguístico em suas bases de discussão. Dessa maneira, apreendemos também sobre o que se trata quando pensamos na impossibilidade de tudo se dizer, ou seja, de falar uma verdade inteira em relação a algo. Por meio da psicanálise produzimos o saber, mas não devemos nos deixar levar pela ilusão de que com ele podemos alcançar tudo, já que a aposta da psicanálise é feita no próprio encontro com o impossível e no real da experiência que escapa ao saber. Ao recorrermos à linguística estrutural trabalhada por Lacan, notamos claramente como foi desfeita a preexistente enganosa suposição de que a linguagem é plena. Nessa ideia anterior à subversão de Lacan temos uma certa desconsideração do sujeito, das falhas intervalares, da hiância e do equívoco. Apontamos aqui como a psicanálise inclui em seu campo de trabalho estes elementos fundamentais que concernem ao sujeito em suas maneiras diversas e particulares de ser.

Ao dizer que o inconsciente se estrutura como linguagem, pelo menos neste momento do ensino, o Lacan responde à pergunta básica de onde o inconsciente se situa. Ele não está em alguma instância de nosso cérebro e nem em qualquer outro lugar transcendental, mas

sim, nas hiências de nossas falas, na linguagem e no dizer. Ao reelaborar a proposição do signo de Saussure e apontar que é necessário um segundo significante (S2) para dar significado (s) ao primeiro significante (S1) Lacan desenvolve, perpassando pela ideia de cadeias significantes, conceitos caros à psicanálise como os que trabalhamos neste artigo.

Para ilustrar uma certa característica de imprescindibilidade do significante e finalizar nossas reflexões, recorro-me a um exemplo fictício simples ocasionalmente dado por meu professor orientador. De forma breve, trata-se de um viajante que acaba por pousar no rio Zambeze, da África, com o seu balão de ar quente. Em seguida ele convida os nativos dali para admirarem o balão, pois percebeu que o seu pouso não causou qualquer impressão àqueles nativos. Após convencê-los de alguma maneira a segui-lo, o viajante chega ao local do pouso e diz: “pois bem, aqui está meu balão”. Porém para sua surpresa os nativos dizem não ver nada. O viajante insiste em mostra-los o balão logo a sua frente, mas de nada adianta, não conseguem ver o balão. O que este exemplo nos aponta é que tais nativos não possuem em seus campos simbólicos, se posso dizer, na “mistura” de sua gramática com o seu dicionário, o significante balão. Ou seja, são os significantes que dão forma à realidade e aos objetos do mundo. Apesar disso, sabemos que um significante por si só não significa nada, sendo preciso que um segundo venha produzir o significado por meio de um efeito retroativo, como já nos apontou Lacan. Enfim, somos seres de linguagem e nos encontramos submetidos a ela em suas regras e tropos.

Sendo assim, como vimos ao longo deste trabalho, Lacan atentou-se de maneira precisa a essas possíveis articulações significantes com as quais utilizamo-nos para lidar com a realidade, desenvolvendo, assim, seu brilhante ensino considerando que os objetos da realidade se colocam à disposição da linguagem e de seus possíveis jogos significantes derivados da atitude do sujeito. Finalizamos, então, com essas reflexões a respeito da linguagem que, sem sombra de dúvidas, podemos afirmar ser uma das bases fundamentais no desenvolvimento da teoria psicanalítica lacaniana.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Claudio Rosa. **O sujeito no primeiro ensino de Lacan: Lacan e o descentramento do cogito cartesiano**. 2006. Dissertação de Mestrado - PUC Minas. Belo Horizonte, p. 51-75. Disponível em <http://portal.pucminas.br/documentos/dissertacoes_claudio_bastos.pdf>.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre, Artmed, [Original publicado em 1989] 2008.

DOSSE, F. **História do estruturalismo I**. O campo do signo. 1945/1966. São Paulo: Editora da Unicamp; SP: Editora Ensaio, 1993.

FERREIRA, Nadiá P. Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. **Ágora**, v. 5, n. 1, p. 113-132, 2002.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

FRANÇÓIA, Carla R. O Simbólico e a clínica psicanalítica: o início da teoria lacaniana. **Revista AdVerbun**, v. 2, n. 1, p. 87-101, 2007.

LACAN, Jacques. O familionário. In: LACAN, J. **O Seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5**: As formações do inconsciente, 1957-58. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LINS, T; RUDGE, A. M. Ingresso do conceito de passagem ao ato na teoria psicanalítica. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, v. 4, n. 2, 12-23. Dezembro, 2012.

MILLER, Jacques-Alain. **Percurso de Lacan: uma introdução**. Zahar, 1987.

MILNER, Jean-Claude. Linguística e psicanálise. **Estudos Lacanianos**, v. 3, n. 4, 2010.